

# HISTÓRIAS DO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM

Da obra de Silvio Romero

Seleção e adaptação de Ana Carolina Carvalho

Ilustrações de Andrea Ebert



texto © Ana Carolina Carvalho  
ilustração © Andrea Ebert

Diretor editorial                      Projeto gráfico e diagramação  
*Marcelo Duarte*                      *Hellen Cristine Dias*

Diretora comercial                      Revisão  
*Patth Pachas*                      *Alessandra Miranda de Sá*

Diretora de projetos especiais          Impressão  
*Tatiana Fulas*                      *Eskenazi*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistente editorial  
*Olivia Tavares*

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Carvalho, Ana Carolina  
Histórias do tempo em que os animais falavam / Ana Carolina  
Carvalho; ilustrações Andrea Ebert. – 1. ed. – São Paulo: Panda  
Books, 2019. 56 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-358-4

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Ebert, Andrea. II. Título.

---

14-10780

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2019

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

[edoriginal@pandabooks.com.br](mailto:edoriginal@pandabooks.com.br)

[www.pandabooks.com.br](http://www.pandabooks.com.br)

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>Contos do ciclo do jabuti</b>	
O jabuti e a fruta (Sergipe) .....	9
O jabuti e a raposa (Sergipe e Pará).....	16
O jabuti e o caipora (Amazonas) .....	21
<b>Contos do ciclo da onça</b>	
O veado e a onça (Rio de Janeiro) .....	25
A onça, o veado e o macaco (Sergipe).....	30
A raposa e a onça (Pará) .....	38
O tatu e a onça (Pará).....	42
A onça e o coelho (Sergipe).....	46
<b>Silvio Romero e os contos populares do Brasil .....</b>	<b>53</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>54</b>
<b>A autora e a ilustradora.....</b>	<b>55</b>



## APRESENTAÇÃO

**E**ntão, houve um tempo em que os animais falavam? Talvez tenha sido há muito tempo. Quando ainda havia bastante mato e florestas pelo nosso país. No tempo em que havia mais índios. O tempo das histórias contadas perto do fogo, embalando a noite, os sonhos e a vida. Muito antes da invenção da televisão, computador ou celular. Foi há bastante tempo, certamente. Mas sempre podemos voltar a essa época remota quando abrimos um livro de histórias tradicionais e viajamos na imaginação de nossos antepassados.

O que são mesmo as histórias tradicionais? Segundo Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), estudioso do folclore do nosso país, uma história pode ser considerada tradicional se ela guarda quatro características: a

antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência. São histórias que, por algum motivo, não foram esquecidas. Não se perderam com o tempo e continuam fazendo sentido para um determinado povo. Estudiosos como Câmara Cascudo e Silvio Romero (1851-1914) foram alguns dos responsáveis por fazerem chegar até nós essas histórias brasileiras. Porém, elas também chegaram até eles porque já eram tradicionais, ou seja, dentre tantas que haviam sido inventadas e contadas através do tempo, as que eles recolheram haviam permanecido vivas entre o nosso povo.

Silvio Romero selecionou histórias que, por volta de 1880, faziam parte do repertório de algumas etnias indígenas. Se elas nasceram entre os índios ou se vieram com os portugueses ou os africanos, sofrendo algumas modificações ao serem assimiladas por povos daqui, não sabemos ao certo afirmar. O que sabemos é que fizeram parte do repertório de algumas etnias indígenas que, no final do século XIX, habitavam boa parte do litoral do nosso país, nos estados de Sergipe, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro e também na região amazônica.

Em comum, todas as histórias possuem animais brasileiros como personagens. Quem será o mais esperto? Ou o mais valente? A onça, o jabuti, a raposa, o veado, o macaco, o tatu? Na pele desses animais, conhecemos um pouco mais sobre aquilo que vivemos: as disputas, a inveja, a solidariedade. Sentimentos humanos tão antigos quanto o tempo. Desde a época mais distante, quando dizem que até os animais falavam.





# O JABUTI E A FRUTA

◇ Sergipe ◇

**D**iz que foi um dia, havia no mato uma fruta que todos os bichos tinham vontade de comer. Acontece que aquela fruta era especial e só poderia comê-la quem soubesse o seu nome. Não havia bicho que soubesse o tal nome, apenas uma mulher conhecia aquele segredo.

Assim, todos os bichos iam à casa da mulher, que morava nas paragens onde estava o pé de fruta, perguntavam a ela o nome e voltavam para comer. E em todas as vezes acontecia a mesma coisa: a mulher dizia o nome, que, de tão complicado, acabava sendo esquecido enquanto a bicharada fazia o caminho de volta para a árvore.

Os bichos já estavam cansados de tanto desejar e não poder comer a fruta, quando o jabuti foi escalado para ir à casa da mulher perguntar sobre o nome da fruta misteriosa. Os macacos caçoaram:

— Imagina só! Se nós, os animais mais espertos da floresta, não conseguimos acertar o nome, não será o boboca do jabuti a conseguir!

A raposa discordou:

— Vocês, macacos, os mais espertos? Pois sim! Mas numa coisa eu concordo: o jabuti, coitadinho, tão lerdinho, é que não se lembrará!

Mas o amigo jabuti não se intimidou. Partiu munido de sua violinha, calmo e confiante, acreditando que quem espera sempre alcança. Anda que anda, até chegar à casa da tal mulher. Bateu na porta, pediu licença ao entrar e perguntou o nome da fruta. Ela disse:

— Boyô yô boyôyô quizama quizú; boyô boyôyô quizama quizú.

Acontece que a mulher, danada que só ela, depois que cada bicho partia, gritava lá de sua casa:

— Ó amigo! Preste atenção que o nome não é esse não! Eu me confundi!



E dizia uma porção de outros nomes complicados. Os bichos se atrapalhavam e quando chegavam ao pé da fruta já haviam se esquecido completamente daquele primeiro nome.

Com o jabuti não foi assim, porque ele pegou sua violinha e pôs-se a cantar o nome da fruta até chegar à árvore.

— Boyô yô boyôyô quizama quizú; boyô boyôyô quizama quizú.

A bicharada não queria acreditar. Finalmente todos iam poder provar a tal fruta. Você pode imaginar a felicidade de todos. Quer dizer, todos, não. Os macacos e a raposa nem quiseram cumprimentar o jabuti, que, afinal, havia vencido todos os animais. Mas o pior quem fez foi a onça. Muito despeitada da vitória do jabuti, quis vencê-lo de outro jeito e propôs:

— Amigo jabuti, como você não consegue subir na árvore, deixe que eu suba para tirar as frutas e, em paga, você me dá algumas.

O jabuti concordou. A onça subiu, encheu uma sacola com as frutas e deu no pé. O jabuti, furioso, foi

atrás da onça e esperou pela bandida na beira do rio. Quando ela chegou, ele disse:

— Amiga onça, me dê aqui o saco, que eu sou melhor nadador. Eu atravesso com as frutas e lhe dou do outro lado.

A onça não via outra solução, pois, além de não ser boa nadadora, morria de medo da água. Mas o sabido, quando se viu do outro lado, fugiu com a sacola de frutas, deixando a onça a ver navios.

Furiosa da vida, ela armou um plano para pegá-lo. Ele soube e meteu-se debaixo da raiz de uma grande árvore onde ela costumava descansar. Não demorou muito, a onça chegou na tal árvore e se pôs a gritar:

— Amigo jabuti! Amigo jabuti!

E ele, ali pertinho:

— Oi!

A onça olhava de um lado e de outro, e nada de ver o jabuti. Chamou outra vez:

— Amigo jabuti!

E de novo, muito pertinho:

— Oi!

E a onça encafifada:

— Uai! De onde vem essa voz?

Mais uma vez:

— Amigo jabuti!

— Oi!

A voz estava tão perto, mas tão perto, que a onça achou que quem falava era o seu traseiro:

— Fique quieto, meu traseiro!

Mas o jabuti continuava:

— Oi! Estou aqui!



E a onça cada vez mais certa de que era o seu traseiro quem a importunava. Passando por ali o amigo macaco, a onça contou-lhe toda a história. O macaco achou que o traseiro merecia uma bela lição e bateu-lhe muito com um cipó. Acontece que, quanto mais batia, mais o jabuti falava. No final das contas, o macaco deu-lhe tanto, que a onça morreu.

E o jabuti pôde sair de seu esconderijo, seguro e satisfeito.

Pelo que me falaram, naquela floresta, os outros bichos finalmente aprenderam o nome da tal fruta e todo mundo pôde comer dela na hora que bem quisesse.

Boyô yô boyôyô.

Essa história acabou.